



Dialogando sobre Saúde: autonomia, solidariedade e dignidade *Talking about health: autonomy, solidarity and dignity*

BATISTA, Neiza Cristina Santos

Universidade de São Paulo (USP), neiza.batista@usp.br; Embrapa, neiza.batista@embrapa.br

Eixo temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: Este trabalho apresenta uma narrativa construída a partir de registros de natureza etnográfica, que inclui famílias agricultoras e propõe uma reflexão sobre trabalho, saúde e dignidade sob a ótica do campesinato e da agroecologia. Partindo de um embasamento conceitual da Psicologia Social do Trabalho (PST), a pesquisa aqui apresentada constitui-se como uma resposta ao desafio de contribuir à subversão do silêncio sobre o trabalho camponês e, junto a outras ciências - como a Geografia e a Sociologia - dialogar sobre o processo saúde-doença enquanto um processo social.

Palavras-chave: trabalho; campesinato; psicologia; agroecologia; resistência.

Keywords: job; peasantry; psychology; agroecology; resistance.

Abstract (Opcional): This work presents a narrative constructed from records of ethnographic nature, which includes discourses of farmers family and proposes a reflection on work, health and dignity from the point of view of peasantry and agroecology. Starting from a conceptual foundation of Social Work Psychology (PST), the research presented here constitutes a response to the challenge of contributing to the subversion of the silence about peasantry work and, together with other sciences - such as Geography and Sociology - dialogue about the process health-disease as a social process.

Introdução

Este trabalho propõe um diálogo entre Trabalho, Saúde e Dignidade. Embora “a ideia da dignidade da pessoa humana pareça algo facilmente assimilável nos tempos atuais”, foi necessário à Organização Internacional do Trabalho (OIT) instituir o paradigma de Trabalho Decente como uma política institucional, a partir do qual “[...] pretende abranger em rede de proteção social aqueles trabalhadores que não estão vinculados diretamente numa relação de emprego clássica” (BARZOTTO, 2018, p.1). Entendendo trabalho decente como trabalho digno, precisamos assumir a dignidade da pessoa humana em suas duas dimensões nucleares: a dimensão protetiva, “[...] no sentido de garantir a todo ser humano um tratamento respeitável, não degradante, tutelando a sua integridade psicofísica”, e a dimensão promocional, “[...] no sentido de viabilizar as condições de vida para que uma pessoa adquira a sua liberdade e possa projetar a direção que queira conceder a sua existência” (FARIAS; ROSENVALD; NETTO, 2015, p.12). Partindo desta perspectiva, discutir o Trabalho sob o enfoque do campesinato e da agroecologia, surge como um desafio. Assumindo o campesinato como uma classe social específica dentro do capitalismo, que traz uma forma de trabalho imbricada a um modo de vida, o tema saúde não pode ser ignorado, especialmente, ao entendemos a saúde contextualizada socialmente e o trabalho como um de seus pilares. Sendo assim, pensar a relação



trabalho, saúde e dignidade no Campesinato, nos aproxima da discussão sobre o processo saúde-doença enquanto um processo social que, como menciona Lacaz (2007, p.759), privilegia o trabalho. Partindo de uma concepção de trabalho embasada na acepção marxista, a partir da qual “[...] o trabalho é, ontologicamente, a ação do homem sobre a natureza para modificá-la e transformá-la e a si mesmo não sendo, portanto, externa ao homem” (LACAZ, 2007, p.759) – é proposto aqui um diálogo que circunscreva o campesinato às relações entre trabalho e capital e à relação trabalho-saúde a partir de seu caráter sócio histórico.

Metodologia

Embasado no referencial de práticas discursivas, a proposta epistemológica aqui proposta partilha de uma visão de campo preocupada com a intersubjetividade e com a discussão construcionista sobre linguagem e ação. Neste sentido, o método que dá origem a essa narrativa inclui o conhecimento compartilhado e estratégias empreendidas pelos próprios camponeses. Assim, partindo do universo de cinco famílias visitadas no ano de 2018, os resultados apresentados reportam a informações coconstruídas junto a duas famílias agricultoras da região do litoral sul e uma família da região central do Estado de Sergipe, em razão de seus discursos reportarem à temática aqui trabalhada. Partindo dos registros das conversas em diário de campo, as informações foram sistematizadas em um mapa dialógico - organizado a partir das categorias trabalho, saúde, dignidade e campesinato – que possibilitou a construção de uma narrativa que trouxesse uma reflexão sobre o questionamento sugerido a partir de autores que tratam sobre tais assuntos. Deste modo, é proposta uma articulação fractal alicerçada na Psicologia Social do Trabalho (PST), em diálogo com outras disciplinas que “pisam na roça” há mais tempo como a Geografia e a Sociologia.

Resultados e Discussão

“Você vê, eu participo da Feira Saudável. Quando a gente fala que produz pelo método convencional a pessoa já pensa logo no agrotóxico¹. Mas não é isso... É o canteiro com adubo! Nós já estamos, inclusive, batalhando pelo selo de orgânico. [...] É preciso ter atenção e vocação. Imagine que tem agricultor que não come o que planta!² Nenhum agricultor usa proteção. Aí, vem calor, coceira...

¹ Na região da agricultora, a expressão “convencional” é, muitas vezes, interpretada como o método que faz uso de agrotóxicos por ser o de uso mais comum, em contraposição ao “método orgânico” (sem uso de agrotóxicos), que é o utilizado pela agricultora autora da citação.

² Muitos agricultores e agricultoras que aderiram ao sistema de manejo com o uso de agrotóxicos plantam em separado a produção para consumo familiar, utilizando o cultivo tradicional. Assim, vendem um alimento que temem consumir.



Tudo isso incomoda! O agricultor merece dignidade”! (Registro de Diário de Campo, Sergipe, 2017).

A fala descrita ocorreu em um diálogo que partiu da pergunta: Hoje, está difícil viver da terra? É interessante notar que, embora a pergunta não tivesse como foco a saúde, esta agricultora traz ao diálogo uma série de aspectos que relacionam o trabalho do agricultor à saúde: sistema de manejo - entre o uso de agrotóxicos e a produção orgânica; o produto do trabalho como alimento saudável ou não; riscos do ambiente do trabalho, o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e Segurança no Trabalho. Articulando Comercialização, Organização do Trabalho, Alimentação, Saúde e Agricultura – a dignidade é apontada como um direito. O tema saúde surge nos discursos dos agricultores, sob formas diversas como: articulado diretamente ao trabalho - tratando de riscos físicos, químicos, ergonômicos e emocionais; ligado à alimentação; na relação com os modelos hegemônicos de saúde (médico e farmacêutico); e, tratando da autonomia construída a partir de saberes tradicionais originados da relação com a natureza.

Vivenciando um modo de vida comum, marcado por uma intersubjetividade que reconhece o Outro como igual, camponeses terminam por questionar padrões de racionalidade, estabelecendo um posicionamento político que expressa um modo de vida fortemente imbricado à relação com a natureza. Fundamentado na autonomia e solidariedade, buscam o reconhecimento em todas as relações humanas, inclusive naquelas que tratam dos cuidados com a saúde. Vejamos o relato abaixo:

Agricultor visitante: D, você faz o quê com isso aí?

D: Isso aí é para quando você está com o nariz entupido. Eu não gosto de remédio de farmácia, não.

Agricultor visitante: Aí você faz chá?

D: Eu tiro um galhinho desses, do manjerição, aí venho para o alecrim, prá o eucalipto medicinal. Coloco tudo pra ferver, boto a toalha na cabeça, que nem diz a história.

S: Então, D, tenho que levar algo pra mim hoje, olha como eu estou.

D: É! Já usa o alecrim! [...]

Eu estava do lado de D, então, ele começou a me explicar.

D: Pra mim, médico só quando eu tomo uma pancada assim perto do crânio (mostrou uma cicatriz de pontos na testa). Aí passa remédio, mas quem vai tomar? A natureza é completa!

(Registro de Diário de Campo, Sergipe, 2018)

Este diálogo ocorreu em um intercâmbio³ entre agricultores de Sergipe, Alagoas e Pernambuco com o propósito de partilharem conhecimentos sobre a diversificação de culturas. D se disponibilizou não apenas a mostrar toda sua forma de organização do trabalho, mas, também, em compartilhar mudas e sementes. Ao ser indagado, D responde sobre uma “posologia” pautada no saber local e na soberania da natureza, afinal, “a natureza é completa”. Vivenciando a solidariedade,

³ Chamamos de intercâmbio a estratégia de agricultores, de localidades diferentes, visitarem uns aos outros com o objetivo de conhecerem e partilharem experiências.



disponibiliza a S, a matéria prima para sua cura. Ao mesmo tempo, D questiona o saber científico farmacêutico e reposiciona a utilidade do saber médico a questões que fogem da alçada do saber local e da soberania da natureza. Assim, estabelece um padrão de racionalidade, referente ao processo saúde-doença, que reposiciona o saber científico somente a situações que fogem da relação fraterna entre ser humano e natureza. Trilhando, ainda, pelo reposicionamento do saber científico, vejamos o diálogo com duas agricultoras, também de Sergipe.

H: Tem que fazer como eu... Eu vou para o médico porque eu estou doente, né? Doutor, eu estou assim, assim, assim. Aí ele vai passar um remédio. Quando eu chego em casa eu vou analisar o que eu estou sentindo e o que é que eu vou tomar. A doença é minha! Eu é que sei como é que vou tratar! (Caímos na gargalhada) Ói, deixe eu ver um que não vai causar reação mais forte, que tenha o mesmo efeito que esse que ele passou. Deixe eu ir para os matos logo!

A: Vou primeiro para o mato, se o mato não der certo...

H: Eu penso logo, qual é o mato que vai repor minha defesa, qual é a alimentação? Aí fica aí com remédio, sem saber o que me derrubou.

(Registro de Diário de Campo, Sergipe, 2016)

Do mesmo modo que D, H e A questionam o modelo médico hegemônico de cuidados com a saúde, valorizando a relação entre ser humano e natureza. Construindo uma argumentação pautada no autoconhecimento e na segurança alimentar e nutricional, retomam as origens da própria humanidade. Cabe ressaltar que o que observamos nos discursos de D, H e A é um reposicionamento do saber médico e não a desvalorização deste. Partindo da dimensão política da dignidade, em sua dimensão coletiva, o Sistema Único de Saúde assume papel primordial na atenção à saúde destes trabalhadores.

Os diálogos mostram, também, um entendimento sobre o processo saúde-doença quanto ao entendimento do que se caracteriza como “patológico” e, como esta “patologia” insere-se na relação entre ser humano e natureza. Convém ressaltar que A é a mesma agricultora da citação inicial, que questiona agricultores que “não comem o que plantam” por utilizarem agrotóxicos nos produtos destinados à comercialização. A apresenta uma consciência do patológico contextualizada na relação entre o organismo e ambiente, manifestando uma preocupação com a coletividade que ultrapassa o espaço familiar: além de visualizar os riscos à sua saúde enquanto trabalhadora, ao tratar do uso de produtos que considera tóxico, exclui a possibilidade de comercializar aquilo que ela mesma não comeria.

Entendendo “[...] que um problema clínico nunca é apenas um problema clínico, até porque ele só é determinado enquanto problema por partilhar um padrão de racionalidade, historicamente situado, cujas raízes não se esgotam apenas no campo da clínica (SAFATLE, 2011, p.16), os registros citados explicitam uma “quebra” da partilha do padrão de racionalidade hegemônico a partir da qual “saúde e poder de agir têm, portanto, uma ligação naqueles que trabalham” (CLOT, 2017, p.18). No caso do campesinato, o poder de agir, ligado à saúde, tem em suas bases



em uma sabedoria construída a partir do produto do seu trabalho e do respeito à natureza, que determina também a organização do trabalho e um modo de vida.

Conclusões

Ao dialogar sobre Campesinato, a partir das perspectivas teóricas aqui adotadas, entendemos esta classe como fruto do capitalismo, mas, que, ao mesmo tempo, constitui-se politicamente por meio da resistência. As reflexões mostram como esse processo de resistência política permeia, inclusive, a concepção de saúde das famílias camponesas. Frente à opressão dos grandes circuitos de distribuição e da imposição de uma agricultura tecnificada, camponeses são subjugados pelo Capital que, muitas vezes, termina por expropriar uma organização de trabalho ligada a um modo de vida cujo processo saúde-doença articula-se à dignidade da pessoa humana em sua dimensão política e coletiva, princípio fundante do trabalho digno. Frente a esta conjuntura, é preciso enfrentar o desafio de discutir sobre o Trabalho no espaço agrário sob o enfoque do campesinato, especialmente sob a perspectiva da agroecologia e, como propõe Lhuillier (2013), subverter o silêncio sobre o trabalho, especialmente, naquilo que tange a saúde e a dignidade humana. Neste sentido, a Psicologia Social do Trabalho - enquanto ciência que se propõe a construir conhecimento a partir da atividade dos trabalhadores - pode contribuir à “subversão do silêncio sobre o trabalho” e, junto com as demais ciências que estão na roça há mais tempo, buscar “o que está no coração da experiência do trabalho: a busca de nossa própria humanidade”.

Referências bibliográficas

BARZOTTO, Luciane Cardoso. Trabalho decente: Dignidade e sustentabilidade. Revista *Âmbito Jurídico.com.br*. Disponível em: http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7913. Acesso em: 15 de out. de 2018.

BREILH, Jaime. Determinantes Sociais da Saúde: Entrevista com Jaime Breilh (2011). Disponível em: <http://cebes.org.br/2011/11/determinantes-sociais-da-saude-entrevista-com-jaime-breilh/>. Acesso em: 1 de out.

CLOT, Yves. Clínica da Atividade. *Horizontes*, v.35, nº.3, p. 18-22, set/dez, 2017.

FARIAS, Cristiano Chaves de; ROSENVALD, Nelson; NETTO, Felipe Peixoto Braga. **Curso de direito civil: responsabilidade civil**. Volume 3 - 2. ed. revisada, ampliada e atual. São Paulo: Atlas, 2015.

LACAZ, Francisco Antônio de Castro. O campo de Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 24 (4), 2007. p. 757 - 766.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



LHUILIER, Dominique. Trabalho. *Psicologia e Sociedade*, no. 25 (3), 2013. p.483-492.

SAFATLE, Vladimir. O que é normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. *Scientle Studia*, v. 9, no. 1, 2011, p.11-27.

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. A Psicologia Social do Trabalho e os Trabalhadores das Ruralidades. In: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny. **Psicologia Social do Trabalho**. (Coleção Psicologia Social). Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p.127 - 150.